

**Jardins para os trópicos****Gilberto FREYRE**

Desviada do seu natural destino, a revista *Chácaras e Quintais*<sup>1</sup> – a consulta que me dirige o Sr. A. J. I. coloca-me na situação difícil daquele homem do conto de Mark Twain: o redator do jornal de agricultura que não entendia de lavoura<sup>2</sup>.

O Sr. A. J. I. possui à linha de Casa Amarela um jardim de canteiros ainda virgens, em volta de um palacete novo.

E a sua dificuldade é agora a da escolha de plantas e flores.

Só depois de derrubados vários sapotizeiros – sapotizeiros que derramavam sobre a areia as melhores sombras deste mundo; velhas palmeiras; uma formidável jaqueira; e sobre a pobre terra a sangrar, estendido, à fita métrica, um sistema de canteirinhos geométricos; só depois de tamanha destruição, o estimável Sr. A. J. I. coça, shakespearesco, a cabeça, na dúvida de si mesmo e da sua estética. Seria o caso de responder-lhe com a oratória do frade: “É tarde, é muito tarde!”

Porque a verdade, meu caro Sr. A. J. I., é que o seu jardim deveria ter começado pela conservação de metade, pelo menos, daquelas árvores.

Objetará o senhor que na Suíça, país dos seus encantos, os jardins que teve ocasião de ver em torno dos hotéis eram superfícies lisas; sem árvores; os canteiros simétricos. E com efeito.

Mas. Meu caro Sr. A. J. I., da Suíça tudo nos distancia, ainda que tão abundantes sejam as nossas relações comerciais: ela a nos fornecer relógios e latas de chocolate e de leite condensado e nós a lhe fornecermos turistas para os seus lagos, novos ricos para os seus hotéis e tuberculosos para os seus sanatórios. A reciprocidade econômica é perfeita e sem um pelo arrepiado a cordialidade de nossas relações – exatamente pela dessemelhança radical de condições de vida.

Nós vivemos sob um sol o qual todas as sombras são poucas; sob um sol tirânico. Mas enquanto vivemos sob semelhante sol – verdadeiro Luís XIV no despotismo – na Suíça, democrática em tudo, inclusive na sua mediania intelectual, na sua esterilidade artística e na sua natureza industrializada – o Sol reina... mas não governa. É um sol efeminado, quer dizer, parecido à Lua.

Sob o nosso sol e nesta nossa natureza meio selvagem ainda, jardins como os suíços; ou como os franceses do Loire; ou como os ingleses de Holland House – estilizados, os tufos aparados em cubos, os canteiros com dura simetria, a relva quase sem fim – assumem um ar melancólico e ao mesmo tempo ridículo. E não se compreende que em vez de tirarmos partido de valores naturais; da meia selvageria que é a delícia da nossa

natureza – procuremos eliminar aqueles valores e disfarçar essa meia selvageria, para fingir, nos jardins, a Suíça e o Loire. É como se fantasiássemos de branca, uma beldade negra; ou de loura, uma linda cabocla. Os mesmos efeitos de ridículo.

No assunto bem poderíamos ter desenvolvido a lição portuguesa. A magnífica lição portuguesa.

Sempre recorro com saudade as tardes e os meios-dias de sol passados em Lisboa, entre as palmeiras do São Pedro de Alcântara.

Às vezes, passeando pelo São Pedro, imaginava eu ver, num banco mais só, Antero de Quental<sup>3</sup>, magro, louro, triste; mas era sempre algum inglês meio tísico a gozar um pouco de sol e a ler o seu Wordsworth<sup>4</sup> ou o seu romance de aventuras.

Jardins mais lindos que os portugueses – os de Lisboa, de Sintra, de Benfica, de Coimbra – não vi em parte alguma; jardim como o São Pedro de Alcântara duvido que exista fora de Lisboa.

Um desses dias, folheando uma revista norte-americana, fui surpreendido por um artigo interessantíssimo sobre os velhos jardins portugueses: “Some Portuguese Gardens.” Assina-o um nome de mulher: Rose Standish Nichols<sup>5</sup>.

Escreveu-o a americana sob o encanto de um céu que lhe pareceu mais azul que o da Itália; e de um sol que a deliciou. E que é na verdade o mais doce e mais bonito dos sóis.

Interessada principalmente em estudar os jardins portugueses, foi *Miss Nichols* a diversas quintas – deliciando-se sempre, nessas excursões, o “casario cheio de cor”, umas casas pintadas de novo, outras com o verde ou o azul ou o vermelho da pintura desmaiado pelo sol; não raras, quadriculadas de lindos azulejos.

Em Benfica, visitou a Quinta do Marquês de Fronteira. E logo ao primeiro contato sentiu nesse jardim português do século XVIII alguma coisa de inconfundivelmente diverso dos jardins que visitara na França, na Itália e na Espanha.

É que o conjunto oferecia efeitos de espontaneidade bem diversos dos de ordem geométrica dos jardins franceses e italianos. E a americana observa: “Talvez ao ser estabelecido este jardim, o arranjo das plantas fosse tão regular quanto o plano, simétrico; porém em março do ano passado, quando o visitei, tudo parecia deliciosamente ao acaso.” E referindo-se, meio inquieta, a certos cuidados do proprietário atual, adverte a escritora: “É de desejar que ele saiba que as irregularidades, com o seu ar de resultados do acaso, produzem um efeito de espontaneidade muito mais agradável que o de regularidade e precisão levadas ao requinte na França. O exato geometrismo destrói nos jardins o encanto da intimidade; e o jardim da Quinta do Marquês, apesar de suas vastas dimensões, tem essa intimidade acolhedora e fala diretamente ao coração da gente. Aqui e ali reponta uma ‘rosa-chá’ ou uma ‘mimosa’ de formas clássicas, os galhos muito longos fora de proporção

com as plantas vizinhas. Há canteiros cheios de ‘belezas de Nice’ em botão, outros transbordam de azul vivo ou de roxo. E de vez em quando dança aos nossos olhos, o vermelho de tulipas, em grupos alegres... Os azulejos que ornamentam os muros e parapeitos são de um azul-cobalto fosco que recorda o da porcelana de Delft.”

Essa americana sentiu decerto o verdadeiro encanto dos jardins portugueses; seu lirismo; quase que se pode dizer sua beleza. Beleza que está exatamente no meio-selvagem das plantas, dos tufos, das flores, todas tão à vontade como se não estivessem num jardim. Exatamente o oposto do rígido geometrismo dos jardins suíços e franceses que obrigam as flores e as plantas a atitudes de soldados em dia de parada.

A tradição portuguesa é sem dúvida a que devia estar sendo aqui desenvolvida, e não a francesa ou a inglesa, dos arrelvados.

Não a mania destes canteiros simétricos, geométricos, rigidamente alinhados. Canteiros de cimento imitando às vezes troncos de árvores a dar uma nota de rústico de cenografia.

E para encher esses canteiros o chique está no exotismo. Desprezam-se os roxos e azuis, os amarelos e vermelhos da nossa flora; as formas bonitas e elegantes em que se alongam tantas das nossas plantas decorativas – pelo chique das plantas estrangeiriças. Entretanto, recorda das nossas, no seu estudo *A Flora do Brasil*, o botânico F. C. Hoehne<sup>6</sup>: “muitas já figuram nos jardins mais nobres da Europa.”

Da minha parte, meu caro Sr. A. J. I., confesso um lirismo à Diego de Estella<sup>7</sup> por essas nossas plantas, hoje desprezadas nos jardins chiques. Elas começam a ser nossas pelo sabor dos próprios nomes. Nomes que pedem poemas: “flor-de-noiva”, “três marias”, “cinco chagas”, “brinco-de-princesa”, “flor-de-viúva”, “suspiros”, “saudades”, “resedá”, “palmas-de-santa-rita”... “Plantas coloniais”, chama-as um amigo meu. E Monteiro Lobato, num dos seus contos, fala-nos de um jardim “cheirando a Tomé de Sousa” – onde um jardineiro chamado Timóteo, preto velho já arrastando os pés, passara toda a vida a regar e a cuidar como um São Francisco de Assis de “perpétuas”, “resedás” e “sempre-vivas”; e que um dia é transformado em jardim inglês.<sup>8</sup>

Este tem sido no Recife e por todo o Brasil o destino de muito jardim antigo. Diz-se, meu caro Sr. A. J. I., que isso é devido ao Progresso; e é o Sr. Lobato quem põe na boca de uma personagem do já referido conto estas ou parecidas palavras: “Estamos no Século das Crisandálias!”

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Criada em 1909 pelo italiano Amadeus Amadei Barbiellini (1877-1955), a revista *Chácaras e quintais* era voltada à vulgarização técnico-científica de atividades ligadas à agricultura, e foi extinta em 1969.

<sup>2</sup> Trata-se do conto satírico de Mark Twain “*How I Edited an Agricultural Paper*” (Como me fiz redator de um jornal de agricultura), publicado pela primeira vez em 1870 na revista *Galaxy*.

<sup>3</sup> Antero de Quental (1842-1891), poeta português, figura de destaque da Geração de 70.

<sup>4</sup> William Wordsworth (1770-1850), poeta romântico inglês.

<sup>5</sup> Rose Standisch Nichols (1872-1960), paisagista norte-americana, escreveu artigos sobre jardins em revistas populares como *House Beautiful* e *House & Garden*, e publicou três livros sobre jardins europeus.

<sup>6</sup> Autor do livro *A flora do Brasil* (1920), Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) foi um botânico brasileiro que se destacou pelo pioneirismo na defesa da proteção da natureza.

<sup>7</sup> Diego de Estella (1524-1578), religioso franciscano, autor do *Tratado de la vanidad del mundo* (1554).

<sup>8</sup> Referência ao conto “Os negros” que integra a coletânea *Negrinha* (1923), de Monteiro Lobato (1882-1948).